

Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 2: 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas

Eurico de Sepúlveda*, Élvio Melim de Sousa**, João Carlos Faria***
e Marisol Ferreira****

Resumo

Os autores estudam uma colecção de 48 fragmentos de 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas provenientes do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal.

As peças encontram-se conservadas no Museu Municipal Pedro Nunes e abrangem diversos fabricos dentro das produções de 'verniz negro', com cronologias balizadas entre os séculos II/I a. C. – I d. C. (inícios).

Palavras-chave: Cerâmica romana. Cerâmica de verniz negro. Cerâmica cinzenta. Alcácer do Sal.

Abstract

The authors study a collection of 48 sherds of 'black gloss' and grey wares found in the western side of the castle of Alcácer do Sal.

All the sherds are in the Reserves of the Museu Municipal de Alcácer do Sal originating from different locations within the 'black gloss' productions. A chronology ranging from the II/I centuries B. C. and the begining of the I A. D. is here given to them.

Key-words: Roman ceramic. 'Black gloss' ware. Grey ware. Alcácer do Sal (Portugal).

* Economista; ** Arqueólogo, Conservador dos Museus da Câmara Municipal de Sintra;
*** Mestre em Arqueologia, Director do Museu Municipal de Alcácer do Sal; **** Arqueóloga.

Introdução

As cerâmicas de verniz negro, que foram sendo produzidas há longo tempo, um dos elementos mais característicos e mais numerosos das culturas das diversas repúblicas romanas de base grega são produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

Caracterizam-se por serem produzidas a nível de alta qualidade, com o uso de técnicas avançadas, e por serem produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona. Caracterizam-se por serem produzidas a nível de alta qualidade, com o uso de técnicas avançadas, e por serem produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

As cerâmicas de verniz negro, que foram sendo produzidas há longo tempo, um dos elementos mais característicos e mais numerosos das culturas das diversas repúblicas romanas de base grega são produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

O presente artigo constitui o segundo trabalho elaborado a partir dos objectos exumados, há cinco anos, no lado oeste do castelo de Alcácer do Sal. Este espólio foi, todo ele, obtido aquando da construção de um muro de suporte, edificado em 1996, na estrada que se situa junto da vertente ocidental do castelo (Fig. 1).

As cerâmicas de verniz negro, que foram sendo produzidas há longo tempo, um dos elementos mais característicos e mais numerosos das culturas das diversas repúblicas romanas de base grega são produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

As cerâmicas de verniz negro, que foram sendo produzidas há longo tempo, um dos elementos mais característicos e mais numerosos das culturas das diversas repúblicas romanas de base grega são produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

As cerâmicas de verniz negro, que foram sendo produzidas há longo tempo, um dos elementos mais característicos e mais numerosos das culturas das diversas repúblicas romanas de base grega são produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

As cerâmicas de verniz negro, que foram sendo produzidas há longo tempo, um dos elementos mais característicos e mais numerosos das culturas das diversas repúblicas romanas de base grega são produzidas em cerâmicas de Medurópolis, Tarragona.

No ano transacto, estudou-se a terra sigillata dali proveniente (E. Sepúlveda, J. C. Faria, M. Ferreira, 2000, p. 119-152), apresentando-se, agora, as 'cerâmicas de verniz negro', nas quais se inserem as cerâmicas campanienses e as cerâmicas cinzentas de imitação; para além de um conjunto de cerâmica comum romana e de uma peça de tradição da Idade do Ferro, copiando formas de campaniense.

Todas as peças ora em análise encontram-se já devidamente tratadas e inventariadas, restando insertas nas colecções romanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal.

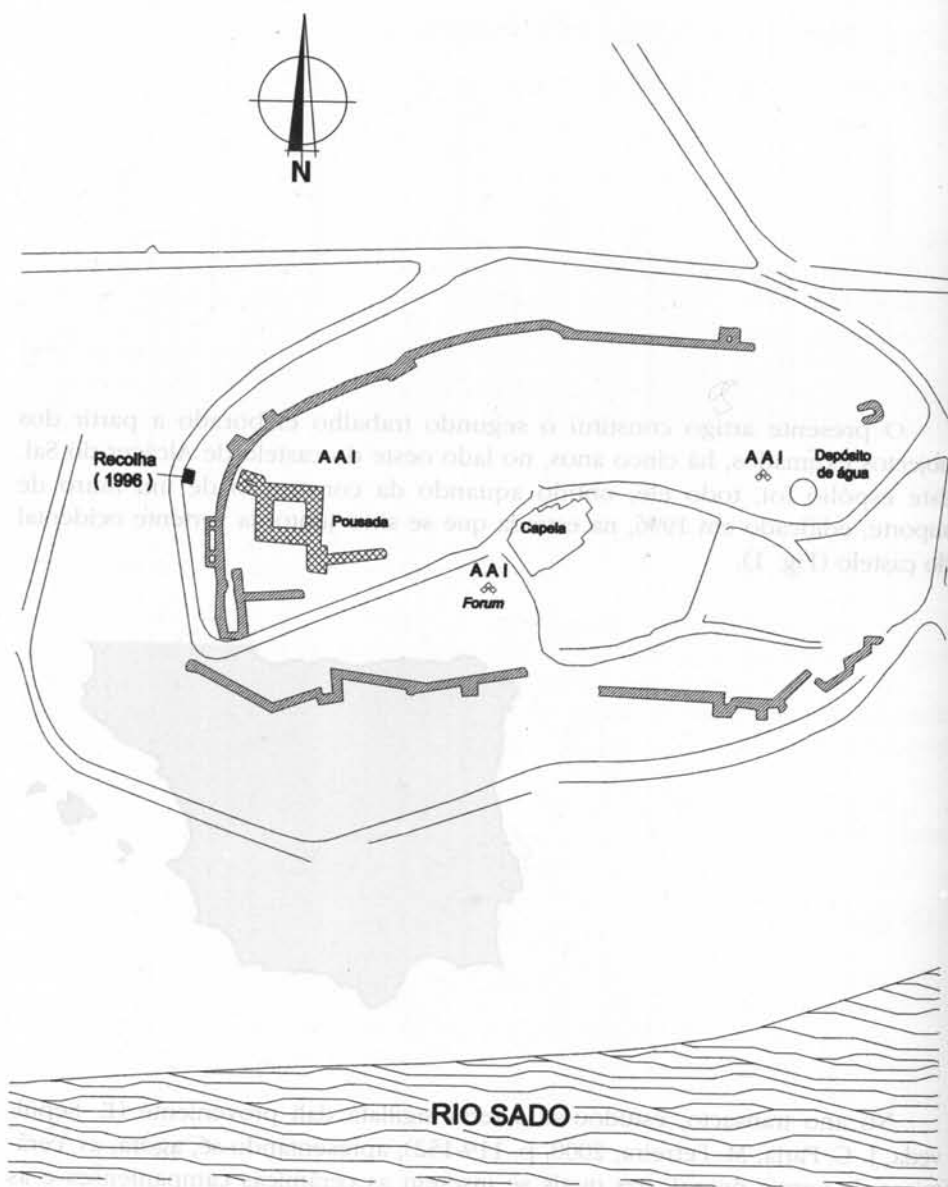


Fig. 1 – Mapa do local da intervenção no lado ocidental do castelo.

Introdução

As 'cerâmicas de verniz negro' vêm constituindo, desde há largo tempo, um dos elementos mais preciosos, e um dos mais utilizados, na datação dos estratos republicanos romanos de boa parte das estações arqueológicas sitas no Mediterrâneo Ocidental.

Com efeito, as suas peculiaridades, a nível de fabrico, permitem-lhes ser de imediato detectadas – formas características, pastas geralmente depuradas e característico verniz negro –, fazendo com que, nas escavações arqueológicas, recaia sobre estas peças uma especial atenção. Em paralelo, a existência (e disponibilidade) de tabelas formais, com cronologias aferidas e catálogos bem descritos e comentados, em muito contribui, também, para a relativa facilidade da sua identificação e posterior estudo.

Se bem que N. Lamboglia tivesse, em 1950, publicado a primeira tipologia cientificamente válida para as 'cerâmicas de verniz negro' ditas campanienses – "Classificazione Preliminare" (1952, p. 139-206), onde divide as produções da Campânia em três categorias (A, B e C), atendo-se, sobretudo, ao tipo de argila utilizado nos fabricos –, apenas cerca de três décadas mais tarde é que surge a obra de Jean-Paul Morel (1981), onde este autor refere a existência de muitos fabricos diferentes (e distintos) deste tipo de cerâmica. É esta obra, portanto, e desde a data da sua publicação, em 1981, o instrumento de trabalho mais usado na classificação das campanienses e demais cerâmicas de imitação, razão pela qual, também aqui, foi a mesma seguida muito de perto.

A denominação 'cerâmicas de verniz negro' engloba, pois, as cerâmicas campanienses propriamente ditas ('verdadeiras'), mas, de igual modo, as demais produções detentoras de formas idênticas, embora fabricadas com outras pastas de cores que variam na gama dos cinzentos, fazendo com que, nesta designação geral, se enquadrem distintos horizontes económicos e, obviamente, também diferentes cronologias (republicanas e tardo-republicanas).

De referir que estas cerâmicas detêm, *grosso modo*, uma dispersão (e circulação) na sua essência marítima e fluvial, por todo o Mediterrâneo e costa atlântica da *Hispania*, centrando-se o seu comércio, sobretudo, em épocas anteriores aos finais do século I a. C. (ou seja, anteriores a 40/30 a. C.), altura a partir da qual estes fabricos sofrem uma transformação técnica significativa¹, particularmente a nível da composição química do verniz aplicado – substituição da coloração negra pela vermelha –, mas também a nível do seu reportório formal – introdução, no mercado, de novas formas, em consequência da saturação do consumo dos modelos clássicos das campanienses –, levando à substituição integral destas últimas pela terra sigillata itálica (A. Ramos Folquès, 1969). Tal facto implicou que alguns centros produtores se extinguissem – como aconteceu com os 'ateliers' de Nápoles e de Siracusa – e que outros se modificassem, por forma a poderem corresponder às novas exigências da terra sigillata – como se registou nos casos das olarias tradicionais de Arezzo, de Puozzuoli e do Vale do Pó (C. Wells, 1990, p. 24-25).

¹ A possibilidade da terra sigillata itálica ser uma inovação derivada da terra sigillata oriental, consiste numa hipótese contrária à da sua evolução a partir da cerâmica campaniense.

Refira-se que, a par da introdução de novas formas na produção de terra sigillata, se mantiveram, todavia, outras de tradição campaniense (pré-existent), tendo sido comercializadas nas épocas augustana e tiberiana. Estão incluídas, neste caso, as formas de terra sigillata itálica que apresentamos no quadro seguinte, onde se pode definir o paralelismo observado entre os protótipos campanienses e aquelas formas, assim como as respectivas cronologias².

Quadro 1

Formas de terra sigillata itálica e protótipos campanienses

Formas		Cronologia
T.S.It. <i>Consp.</i>	Camp. Morel	T.S.It.
<i>Consp.4</i>	2255, 2257, 2286	Finais Aug/Tib/Cláudio
<i>Consp.5.1</i>	1632-1634	Augusto
<i>Consp.7</i>	2865	Meados Augusto
<i>Consp.8</i>	2653	Augusto
<i>Consp.10</i>	1420-1469	Meados Augusto
<i>Consp.38</i>	3100	Augusto-Tibério
<i>Consp.53</i>	7500	Augusto

P. Frontini, por sua vez, apresenta, baseando-se no trabalho de Fiorentini, a hipótese de a pátera Lamboglia 7/16, com marca de oleiro em *planta pedis* de *M. COELI* (e atribuída à época tiberiana), constituir “*caso emblemático*” de simbiose das características próprias das duas produções. O verniz, aqui, já não é negro, mas sim castanho, e a tender para o vermelho, enquanto que a forma respectiva apresenta já a evolução desta *patera* para a forma Drag. 31 (enterramento 1 de Gropello Cairoli) (P. Frontini, 1985, p.12-13).

Como mencionámos, N. Lamboglia definiu, nos meados do século passado, uma tríade principal de Classes de fabricos de campanienses, atendendo às características peculiares das respectivas pastas, aos seus locais de produção e, de modo intrínseco, às suas diacronias. Assim, para a Campaniense A (argila avermelhada viva, fractura regular, verniz negro brilhante de toque metálico e produzida na Região de Nápoles e em Ischia), aceita-se como credível uma datação situada entre o século IV e cerca de 40 a. C.³; para a Campaniense B (argila beije clara, fractura algo irregular, verniz muito negro e com reflexos azulados, produzida na Etrúria), a cronologia que lhe é atribuída encontra-se balizada entre os inícios/meados do século II⁴ e cerca de 50/30 a. C., constituindo este tipo, de longe, não só o fabrico da Campânia mais produzido e exportado, como, ainda, o que apresenta uma maior heterogeneidade, quer a nível das suas pastas, quer a nível de locais de produção, facto este que levou Morel a classificar todas as produções não genuínas como ‘B-oide’ (incluindo, nesta designação, as produções de Cales, consideradas como Campaniense B por Lamboglia e, igualmente, outros fabricos também da Campânia do norte e

² Foi utilizada para o repertório formal da terra sigillata itálica a tipologia de *Conspetus*. M. T. Marabini Moevs, 1973, p. 53.

³ J.-P. Morel coloca o começo do fabrico da Campaniense A arcaica entre 280 e 220 a. C.

⁴ J.-P. Morel situa o início da produção da Campaniense B a partir do primeiro quartel do século II a. C., datação esta que se insere, e recai, na de N. Lamboglia.

do centro, como seja o caso de Pompeios) (M. Picon, 1971; J. Morel, 1980, p. 103; L. Pedroni, 2000, p.345-346); para a Campaniense C (argila cinzenta clara, verniz muito negro, que cobre, pelo exterior, apenas a altura das peças, apresentando-se, por vezes, escamado, e de origem em Siracusa), é razoável supor-se uma circulação mediada entre os séculos II e I a. C., ou mesmo algo mais recente. Esta produção (C) é considerada, entre nós – Península Ibérica – como rara, pois são-lhe atribuídos escassos exemplares/fragmentos em locais com ocupação romana atestada e coeva de épocas republicanas e tardo-republicanas.

*

Oferece-nos ainda dizer que, atendendo à forte ocupação romana e, sobretudo, ao facto de estarmos perante um período de grande expansão económica e de esplendor de *Salacia*, se verifica serem as 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas relativamente vulgares nos espólios resultantes de quaisquer intervenções arqueológicas que se efectuem em Alcácer do Sal, e que detenham cronologia ocupacional similar.

Para C. T. da Silva e J. Soares (1980-1981, p.213) "*Alcácer do Sal comportar-se-ia, na Idade do Ferro, como um rico entreposto aberto ao comércio mediterrânico, representando, a partir do séc. V/IV, um mundo à parte, bem individualizado no seio de uma região culturalmente marcada por influências oriundas da Meseta*".

Refere também J. Alarcão (1988, p. 132), a propósito, que foi Alcácer, à época a que nos reportamos, um importante centro produtor e exportador de sal e de lã (Plínio), e, de igual modo, um grande centro de produção de contentores cerâmicos (material ânforico), tendo sido estes elementos os responsáveis directos pela sua significativa prosperidade económica, acrescidos, é certo, de uma singular, privilegiada e estratégica posição geográfica de "*porto fluvial e de paragem obrigatória na estrada de Olisipo a Eborá e a Pax Iulia*".

V. G. Mantas (1990, p. 173), quando estuda as cidades marítimas da *Lusitania*, dedica um vasto capítulo a *Salacia* – principal centro portuário lusitano até ao século I a. C. – indo, todavia, de encontro com as demais análises históricas supracitadas, quanto à reconhecida importância de Alcácer – "*Ocupando uma posição dominante sobre o rio Sado (Callipus), a cidade erguia-se num local pouco afastado do estuário do rio, facilmente acessível à navegação marítima, contando com uma longa tradição de contactos com o Mediterrâneo à data da chegada dos Romanos*", e que possuía uma "*excelente posição quanto às comunicações terrestres, já esboçadas na proto-história, estabelecendo a ligação entre a rede viária e a navegação fluvial e marítima*" (V. G. Mantas, 1990, p. 173).

Com efeito, e ainda segundo J. Alarcão (1988, p. 132), ao constituir *Salacia* um dos principais portos da *Lusitania*, e desde sempre um dos mais concorridos, quer a nível industrial, quer a nível comercial – e com fortes tradições que remontam já às Idades do Bronze e do Ferro⁵ –, é crível que tenha advindo

⁵ ALARCÃO, J., 1990, p. 364: "*Salacia foi importante durante toda a Idade do Ferro e um porto procurado pelos comerciantes púnicos que no século IV a. C., trouxeram, até ali, cerâmica grega e escaravelhos egípcios*"; cf. ainda os materiais de origem ática exumados na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal).

daqui o grande desenvolvimento infra-estrutural da cidade (e também administrativo, pois foi *oppidum* de direito latino), o qual apenas se dissipa, ou decai, progressivamente, a partir do segundo quartel/meados do século I d. C., não só com a transferência de parte desse mesmo movimento “a favor de outros dois núcleos urbanos do seu ‘territorium’: Caetobriga (Setúbal) e Tróia”, como também, e sobretudo, pela fortíssima concorrência do porto e cidade de *Olisipo*, os quais conheceram, à altura – Principado de Augusto – um grande desenvolvimento económico e urbanístico ímpar⁶.

De facto, Tróia, importante porto avançado de Alcácer, deve ter conhecido um bom desenvolvimento económico, a partir de determinada época (de finais de Tibério-Calígula a Cláudio), o qual resta bem atestado pelos bastos e significativos vestígios ainda subsistentes, ultrapassando mesmo *Salacia* na exportação de *garum* e de outros derivados de peixe, apesar de continuar a estar-lhe subordinada administrativamente (V. G. Mantas, 1990, p. 173). Todavia, foi para *Olisipo* que *Salacia* perdeu, definitivamente, a sua posição de porto virado às trocas com o resto do Império, facto bem demonstrado pela redução drástica da exportação dos minérios oriundos das minas de Santa Susana, da Caveira e de Vipasca,⁷ que passavam por Alcácer do Sal.

A única estratigrafia existente para o castelo de Alcácer é a publicada por C. T. da Silva e J. Soares (1980-1981, p. 213), onde referem que os diversos exemplares de campaniense, e demais cerâmicas cinzentas, propriamente ditas, exumadas em escavação (coevas das anteriores e de ‘verniz negro’), surgem ali em contexto específico – na Camada 6, ao nível da V fase de ocupação do castelo, denominada pelos autores de “*Ferro Mediterrânico III*” e correspondendo-lhe uma cronologia dos séculos II-I a. C. Esta fase, por sua vez, acha-se situada em posição intermédia entre a fase IV – “*Ferro Mediterrânico II*”, com cronologia dos séculos IV-III a. C. – e a fase VI – “*Romano Imperial*”, com datação dos séculos I-II e III-IV d. C.

Não admira, por tudo o que atrás fica dito, que, a nível dos fabricos de ‘cerâmica de verniz negro’ e de cinzentas, constitua o presente conjunto de peças uma boa colecção ceramológica, detentora de valor arqueológico, e de não menos elevada importância museológica, atendendo ao panorama geral destas cerâmicas nos espólios dos Museus Portugueses de Arqueologia.

Acrescem e reforçam estas afirmações a existência, nas Reservas do Museu de Alcácer do Sal, de um outro significativo conjunto de ‘verniz negro’, desta feita recolhido em escavações efectuadas no lado oriental do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, aquando da construção das áreas subterrâneas de suporte à Pousada da ENATUR (D. Afonso II) – o qual se encontra, actualmente, em ‘reserva científica’ – e, ainda, a colecção dos 19 fragmentos provenientes de *Salacia*, e resultantes da intervenção arqueológica levada a efeito

⁶ O qual se regista, na época cláudio-neroniana com o embelezamento do teatro de *Olisipo* (T. Hauschild, 1994, p. 64-66).

⁷ Cf. V. G. Mantas, 1990, p. 181: “O desenvolvimento de Tróia e de Caetobriga poderá ter contribuído para limitar o movimento comercial e industrial de *Salacia*, o que não nos parece suficiente para explicar o sensível abatimento da cidade a partir do século II, mais relacionado com a ascensão olisiponense e, para os finais do século, com uma progressiva diminuição do tráfico mineiro.”; J. Alarcão, 1978, p. 129.

também nesta zona, junto ao local onde, presentemente, se implanta o depósito de água, e cujo estudo foi publicado por J. Soares (1978, p. 133-144).

“A importância económica da cidade durante o último quartel do século I a. C. e durante todo o século I é indiscutível, resultante de uma evolução que se inicia no século II a. C. (...)” (V. G. Mantas, 1990, p.179).

Análise da Colecção

1) **Pastas** – a análise das pastas das 48 peças da colecção em estudo baseou-se, essencialmente, em seis *itens*, os quais reputámos de obrigatórios e necessários para a correcta identificação de possíveis centros de fabrico: porosidade; compacticidade; homogeneidade; existência ou não de mica; tipo de fractura; e cor.

A identificação destas características proporcionaram a individualização de 10 distintos tipos de pastas:

Campaniense A

Tipo 1 – porosa; com vacúolos; homogénea; micácea (moscovite); de fractura rectilínea; de cor 5 YR 6/6;

Campaniense B e B-oide

Tipo 2 – porosa; não compacta; homogénea; micácea (moscovite); de fractura rectilínea; de cor 10 YR 6/3-4;

Tipo 3 – porosa; compacta; homogénea; micácea (moscovite); de fractura rectilínea; de cor 7.5 YR 6/3, 6/4, 7/4 e 7/6;

Cerâmicas de Imitação de Campaniense e Finas Cinzentas

Tipo 4 – porosa; compacta; homogénea; micácea (moscovite); de fractura rectilínea; de cor 10 YR, nas gamas do 5, 6 e 7;

Tipo 5 – porosa e, por vezes, pouco porosa; compacta; homogénea; micácea (moscovite) e, raramente, não micácea; de fractura rectilínea; de cor 7.5 YR, nas gamas do 4, 5 e 6;

Tipo 6 – porosa; raramente de textura laminar ou esponjosa; homogénea; micácea (moscovite); de fractura rectilínea e, raramente, não rectilínea; de cor 2.5 YR, nas gamas dos 4, 5 e 6;

Tipo 7 – porosa; de textura laminar; homogénea; micácea (moscovite); de fractura não rectilínea e, raramente, não rectilínea; de cor 5 Y 5/1;

Cerâmica Comum Romana de Imitação de Campaniense

Tipo 8 – porosa e pouco porosa; de textura laminar e, raramente, compacta; homogénea; micácea (moscovite); de fractura não rectilínea e, raramente, não rectilínea; de cor 2.5 YR 2.5/1 e 2.5 YR 6/1;

Tipo 9 – porosa; de textura laminar; homogénea; micácea (moscovite); de fractura não rectilínea e, raramente, não rectilínea; de cor 5 Y 3/2;

Forma de Campaniense em Cerâmica de Tradição da Idade do Ferro

Tipo 10 – porosa; de textura laminar; homogênea; micácea (moscovite); de fractura não rectilínea e, raramente, não rectilínea; de cor 10 YR 5/1.

Da análise do Quadro onde se representa a distribuição dos 10 tipos de pastas por produções, bem como as respectivas percentagens, dentro da colecção de Alcácer do Sal, elaborámos as seguintes conclusões: o Tipo 4 é o mais representado (com 12 exemplares), logo seguido do Tipo 6 (com 10 exemplares) e do Tipo 5 (com 9 exemplares), todos pertencentes à categoria das *Cerâmicas de Imitação de Campaniense em Pasta Cinzenta*, os quais perfazem, no conjunto, 64,69% de toda a colecção; as produções de tipo B-oide que constituem 70% das cerâmicas campanienses, apresentam todas a mesma pasta, motivo que nos leva a pensar serem provenientes e, possivelmente, importadas do mesmo centro produtor; por sua vez, é de salientar a heterogeneidade do tipo de pastas de imitação, o que revela, com bastante certeza, uma proliferação de olarias 'locais', que tentaram copiar as cerâmicas de origem itálica.

Quadro 2

Distribuição de tipos de pasta por produções e suas percentagens

Tipo	PASTAS por PRODUÇÕES						Total	%
	Camp. A	Camp. B	Camp. B-oide	C. cinzenta	C. c. rom. Imitação	C. Id. Ferro (forma)		
1	1	-	-	-	-	-	1	2,08
2	-	2	-	-	-	-	2	4,18
3	-	-	7	-	-	-	7	14,58
4	-	-	-	12	-	-	12	25,00
5	-	-	-	9	-	-	9	18,75
6	-	-	-	10	-	-	10	20,84
7	-	-	-	1	-	-	1	2,08
8	-	-	-	-	4	-	4	8,33
9	-	-	-	-	1	-	1	2,08
10	-	-	-	-	-	1	1	2,08
Total	1	2	7	32	5	1	48	100,00

2) **Verniz/Engobe** – no que concerne à existência de verniz/engobe sobre as peças, tal como às suas características específicas, foi-nos possível identificar, na colecção em apreço, 11 tipos diferentes de coberturas, atendendo, sobretudo, a 6 *itens* distintos: brilho; homogeneidade; aderência; espessura; cor; e existência, ou não, de áreas reservadas tecnicamente (apenas assinalada quando as apresenta):

Campaniense A

Tipo A – brilhante; não homogêneo na face externa; de cor negra; reservado tecnicamente no vão interior do pé;

Campaniense B e B-oide

Tipo B – brilhante; não homogêneo nas duas faces; de cor negra-azulada;

Tipo C – brilhante; não homogéneo; na face externa; de cor negra-avermelhada;

Tipo D – brilhante; não homogéneo; de cor negra-acastanhada; reservado tecnicamente no vão interior do pé;

Tipo E – brilhante; homogéneo, por vezes manchado na face externa; de cor negra; por vezes reservado tecnicamente no vão interior do pé;

Cerâmicas de Imitação de Campaniense e Finas Cinzentas

Tipo F – brilhante, homogéneo; de cor negra-acastanhada;

Tipo G – verniz pela face interna (brilhante, homogéneo e de cor negra); e engobe pela face externa (brilhante, homogéneo, de cor situada nas gamas dos negros e dos cinzentos e raramente reservado tecnicamente);

Tipo G1 – de características idênticas ao Tipo G1, mas de cor situada na gama dos castanhos;

Tipo H – apresenta engobe, tanto na face externa, como na interna: sem brilho; homogéneo; de cor situada nas gamas dos negros e dos cinzentos; por vezes reservado tecnicamente no vão interior do pé ;

Cerâmica Comum Romana de Imitação de Campaniense

Tipo I – com verniz nas duas faces: brilhante; homogéneo; de cor negra-acastanhada;

Tipo J – com engobe nas duas faces: sem brilho; homogéneo; de cor negra-acastanhada e, por vezes, cinzenta;

Forma de Campaniense em Cerâmica de Tradição da Idade do Ferro

Tipo K – com engobe nas duas faces: mate; homogéneo; de cor negra-acastanhada.

A peça descrita com o número 46 do Catálogo (N.º de Inv. Geral. LOCAS/103/96) apresenta brunido, razão pela qual não lhe foi atribuído qualquer tipo de verniz/engobe.

Obtivemos, a partir da formação destes grupos, um Quadro onde se apresenta a distribuição dos diversos tipos por produções e respectivas percentagens. Ao contrário do que denotámos no âmbito das pastas, a nível do verniz/engobe regista-se, para esta intervenção arqueológica, a preponderância significativa de um único tipo – G (com 21 exemplares) –, o qual detém uma percentagem de perto da metade de toda a colecção (43,75%). Também neste caso, pertence este tipo à categoria das *Cerâmicas de Imitação de Campaniense em Pasta Cinzenta*.

Esta elevada percentagem reforça a ideia que apresentámos, aquando da análise das pastas, da existência de centros oleiros que produziram este tipo de cerâmica, não dominando, porém, as técnicas de aplicação do verniz e posterior cozedura. Tal facto deu origem a uma variação de cor – a qual apresenta manchas mais claras (acastanhadas) –, a uma alteração no brilho, e, por vezes, a uma não-aplicação deste na parede externa de taças e páteras. Nestes casos,

era-lhes aplicado um engobe, motivo que nos forçou a considerar a sua análise como Verniz/Engobe.

Os dois outros tipos mais representados são os Tipos H e E, com 7 e 4 exemplares e 14,58% e 8,33%, respectivamente.

Quadro 3

Distribuição de tipos de verniz/ engobe por produções e respectivas percentagens

Tipo	VERNIZ/ ENGOBE						Total	%
	Camp. A	Camp. B	Camp. B-oide	C. cinzenta	C. c. rom. Imitação	C. Id. Ferro (forma)		
A	1	-	-	-	-	-	1	2,08
B	-	2	1	-	-	-	3	6,26
C	-	-	1	-	-	-	1	2,08
D	-	-	1	-	-	-	1	2,08
E	-	-	4	-	-	-	4	8,33
F	-	-	-	1	-	-	1	2,08
G	-	-	-	21	-	-	21	43,75
G1	-	-	-	3	-	-	3	6,26
H	-	-	-	7	-	-	7	14,58
I	-	-	-	-	1	-	1	2,08
J	-	-	-	-	3	-	3	6,26
K	-	-	-	-	-	1	1	2,08
Brun.	-	-	-	-	1	-	1	2,08
Total	1	2	7	32	5	1	48	100,00

C) **Formas** – pela análise do Quadro seguinte, verifica-se não existir uma predominância massiva de qualquer forma, pois as maiores ocorrências não ultrapassam os 8 exemplares (Lamboglia 28), os 5 exemplares (Lamboglia 2) e 4 exemplares (Lamboglia 5/7 e Morel 2282). Se bem que no Catálogo tivéssemos indicado várias outras possibilidades formais para a mesma peça, sempre que isso nos foi possível, apenas usámos a primeira opção – forma exacta ou mais provável.

Quadro 4

Distribuição das formas por produção e respectivas percentagens

Tipo	FORMAS						Total	%
	Camp. A	Camp. B	Camp. B-oide	C. cinzenta	C. c. rom. Imitação	C. Id. Ferro (forma)		
Lamb. 1	1	-	-	-	-	-	1	2,08
Lamb. 2	-	1	1	3	-	-	5	10,42
Lamb. 5	-	1	2	-	-	-	3	6,26
Lamb. 5/7	-	1	-	3	-	-	4	8,34
Lamb. 6	-	-	-	1	-	1	2	4,16
Lamb. 7/16	-	1	-	1	-	-	2	4,16
Lamb. 28	-	-	-	6	2	-	8	16,70
Lamb. 31	-	-	-	-	1	-	1	2,08
Lamb. 33	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 1163a1	-	-	-	-	1	-	1	2,08
Morel 1460	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 2282	-	-	-	4	-	-	4	8,34

Quadro 4 (Continuação)

Distribuição das formas por produção e respectivas percentagens

Tipo	FORMAS						Total	%
	Camp. A	Camp. B	Camp. B-oide	C. cinzenta	C. c. rom. Imitação	C. Id. Ferro (forma)		
Morel 2615	-	-	-	1	1	-	2	4,16
Morel 2643	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 2646	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 2654	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 131a4 (Pé)	-	-	1	-	-	-	1	2,08
Morel 140/141 (Pé)	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 171a1 (Pé)	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Morel 321 (Pé)	-	-	-	1	-	-	1	2,08
Indeterminada	-	-	1	5	-	-	6	12,50
Total	1	4	5	32	5	1	48	100,00

Achámos também pertinente inserir no presente trabalho um Quadro das frequências das principais formas de Campaniense exumadas nas três intervenções arqueológicas que tiveram lugar na zona em redor do castelo de Alcácer do Sal. As duas primeiras, publicadas, respectivamente, em 1978 e 1980-1981, e a terceira, em 1996, a qual constitui o tema do presente trabalho.

Da sua análise pode inferir-se ser a Forma Lamboglia 1 a mais representada (com 9 exemplares), logo seguida da Lamboglia 5 (com 8 exemplares) e da Lamboglia 5/7 (com 6 exemplares), quase predominantemente pertencentes a Campanienses B e B-oides. Este grupo produtivo constitui, de resto, o mais significativo, apresentando um total de 26 peças, as quais detêm uma percentagem de 65% de toda a cerâmica Campaniense recolhida nas intervenções mencionadas em epígrafe.

Afigura-se-nos, no entanto, ser de salientar o facto da inexistência de uma preferência vincada na importação de formas muito diferenciadas, o que poderá significar uma possível formação de 'serviços' constituídos apenas por uma taça e por uma pátera. Assim, das 48 peças estudadas, 24 são taças e as restantes pratos. No entanto, parece-nos que esta análise global apresenta resultados diferentes, se isolarmos o grupo genuinamente campaniense (A, B e B-oide), onde os pratos se encontram em maior percentagem (60%), enquanto que as taças representam os restantes 40%.

Quadro 5

Formas de cerâmica Campaniense encontradas nas várias intervenções arqueológicas efectuadas em Alcácer do Sal e respectivas percentagens

Formas	N.º de peças p/ interv. Arqueológica								Total	%
	1978			1980/81		1996				
	C.A	C.B	C.C	C.A	C.B	C.A	C.B	C.B-oide		
Lamb.1	-	5	-	-	3	1	-	-	9	22,50
Lamb.2	-	1	-	-	-	-	-	2	3	7,50
Lamb.3	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2,50
Lamb.4	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2,50
Lamb.5	-	5	-	-	-	-	1	2	8	20,00

Quadro 5 (Continuação)

Formas de cerâmica Campaniense encontradas nas várias intervenções arqueológicas efectuadas em Alcácer do Sal e respectivas percentagens

Formas	N.º de peças p/ interv. Arqueológica								Total	%
	1978			1980/81		1996				
	C.A	C.B	C.C	C.A	C.B	C.A	C.B	C.B-oides		
Lamb.5/7	2	-	-	2	1	-	1	-	6	15,00
Lamb.6	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2,50
Lamb.7/16	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2,50
Lamb.27	-	-	-	2	-	-	-	-	2	5,00
Lamb.29	-	-	-	1	-	-	-	-	1	2,50
Lamb.31	-	-	-	1	-	-	-	-	1	2,50
Lamb.36	2	-	-	2	-	-	-	-	4	10,00
Indeterminada	-	-	-	-	-	-	-	2	2	5,00
Totais	4	12	1	8	5	1	3	6	40	100,00

Conclusões

O trabalho que ora se conclui não esgota a análise dos materiais recolhidos no lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, na medida em que alguns outros estudos se seguirão, explorando diversos tipos de materiais, cerâmicos e não cerâmicos.

De facto, e embora se trate aqui apenas de um segundo artigo sobre a cerâmica romana encontrada nesta intervenção arqueológica, parece-nos, desde já, poder afirmar-se não ser possível encontrar um hiato nas trocas comerciais entre Alcácer do Sal e a Península Itálica, visto possuímos um prato⁸ em terra sigillata itálica de forma *Consp.11.1* (= God. 15), com marca radial de *Hilarius A. Sesti*, e com uma cronologia dos finais do século I a. C. (cerca de 20 a. C.), a qual fará a ligação entre as importações de cerâmicas campanienses e as de terra sigillata.

Se bem que não se possa afirmar ser *Salacia* o sítio arqueológico português que maior percentagem de cerâmicas campanienses, de imitação de campaniense e cinzentas forneceu até hoje, tal não implica, contudo, que detenha um lugar de relevo, ao nível dessas importações.

Devemos aqui, no entanto, ter em linha de conta a falta de dados totais sobre as cerâmicas campanienses encontradas neste sítio arqueológico, na medida em que muitas delas se encontram sob reserva de estudo, motivo este que nos impossibilita de poder estabelecer, presentemente, paralelos comparativos, em termos estatísticos, quanto às percentagens de produções e de formas, com outros arqueo-sítios, como sejam Santarém, Castro Marim⁹ e Lisboa ('Zara')¹⁰, todos eles detentores de elevada e significativa intensidade ocupacional em períodos coevos.

⁸ Cf. E. Sepúlveda, J. C. Faria e M. Ferreira, 2000, p. 119-152; n.º de inventário LOCAS/2/96.

⁹ Agradecemos, reconhecidos, a informação oral gentilmente cedida pela Prof.^a Doutora Ana Margarida Arruda.

¹⁰ Escavações efectuadas pela 'ERA' na Baixa Pombalina; informação amavelmente cedida pelo Dr. Rodrigo Banha da Silva, a quem se agradece.

Recorde-se, a este propósito, que, e apesar de Alcácer do Sal contar já com várias intervenções arqueológicas, no aro da cidade antiga, nem de longe se poderá considerar estar a estação escavada, ou intervencionada, na totalidade, razão pela qual as percentagens destas cerâmicas poderão vir ainda a serem superiores.

A nível cronológico, toda a coleção estudada (48 peças) encontra-se baliçada entre o séc. II a. C. e a segunda metade do séc. I a. C.

Por fim, consideramos ser a importância de Alcácer do Sal, sob o ponto de vista das trocas económicas com a Península Itálica, e durante o período temporal que definimos para estes materiais concretos, a explicação que está na base do desenvolvimento edilício, no século I d.C.,¹¹ de *Salacia*.

CATÁLOGO

Campaniense A

1 – taça de campaniense A tardia (frag. de fundo com pé em anel);

Forma: Lamboglia 1, possivelmente;

Pasta: tipo 1;

Verniz: tipo A;

Diâmetro: 58 mm (pé);

Cronologia: primeira metade do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/78/96.

Campaniense B e B-oide

2 – prato de campaniense B (frag. de bordo e arranque da parede);

Forma: Lamboglia 5;

Pasta: tipo 3;

Verniz: tipo B;

Diâmetro: indeterminado;

Cronologia: entre 90 e 25 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/81/96.

3 – prato de campaniense B ou B-oide (frag. do fundo);

Forma: Lamboglia 5/7;

Pasta: tipo 2;

Verniz: tipo B;

Diâmetro: indeterminado;

Decoração: duas fileiras concêntricas de guilhoché fino e executado a roleta;

Cronologia: entre o terceiro quartel do século II e a primeira metade do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/67/96.

¹¹ Cf. J. Faria, 1988, p. 185-199. A existência de cerâmicas do séc. I d.C. exumadas na intervenção arqueológica na zona do possível *Forum* leva-nos a concluir ser possível atribuir uma cronologia coeva, ou mesmo anterior, para este edifício público.

- 4** – pátera de campaniense B (frag. de fundo com pé de perfil triangular);
Forma: Lamboglia 7/16 ou Morel 2235;
Pasta: tipo 2;
Verniz: tipo B;
Diâmetro: 64 mm (pé);
Cronologia: primeira metade do século I a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/64/96.
- 5** – taça de campaniense B-oide (frag. de fundo com pé em anel);
Forma: Lamboglia 2; Morel 1235;
Pasta: tipo 3;
Verniz: tipo D;
Diâmetro: 56 mm (pé);
Cronologia: entre 90 e 40 a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/82/96.
- 6** – taça de campaniense B ou B-oide [frag. de bordo, parede e fundo com pé em anel (perfil completo)];
Forma: Lamboglia 2; Morel 1230;
Pasta: tipo 3;
Verniz: tipo C;
Diâmetro: 118 mm (aba); 49 mm (pé);
Cronologia: entre 90 e 40 a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/63/96.
- 7** – prato de campaniense B-oide (frag. de bordo e arranque de parede);
Forma: Lamboglia 5;
Pasta: tipo 3;
Verniz: tipo E;
Diâmetro: 200 mm (bordo);
Cronologia: entre 90 e 25 a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/77/96.
- 8** – prato de campaniense B-oide (frag. de bordo e arranque da parede);
Forma: Lamboglia 5;
Pasta: tipo 3;
Verniz: tipo E;
Diâmetro: indeterminado;
Cronologia: entre 90 e 25 a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/83/96.
- 9** – taça de campaniense B-oide (frag. de fundo com pé de perfil triangular);
Forma: indeterminada; pé tipo Morel 131a4;
Pasta: tipo 3;
Verniz: tipo E;
Diâmetro: 66 mm (pé);
Cronologia: século II a. C., primeira metade ou meados;
N.º de Inv.: LOCAS/62/96.
- 10** – prato de campaniense B-oide (frag. de fundo);
Forma: indeterminada;
Pasta: tipo 3;
Verniz: tipo E;
Diâmetro: indeterminado;
Cronologia: entre o terceiro quartel do século II e a primeira metade do século I a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/66/96.
Nota: peça não desenhada.

Cerâmicas de Imitação de Campaniense e Finas Cinzentas

11 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé de perfil triangular);

Forma: Lamboglia 2, possivelmente; ou Morel 2864;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G1;

Diâmetro: 68 mm (pé);

Cronologia: entre 90 e 40 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/88/96.

12 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);

Forma: Lamboglia 2; ou Morel 1230, possivelmente;

Pasta: tipo 6;

Verniz/Engobe: tipo H;

Diâmetro: 60 mm (pé);

Cronologia: entre 90 e 40 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/91/96.

13 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé de perfil triangular);

Forma: Lamboglia 2; ou Lamboglia 28; ou Morel 1230;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 59 mm (pé);

Cronologia: entre 90 e 40 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/70/96.

14 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);

Forma: Lamboglia 5/7, ou Lamboglia 7/16, ou Morel 2654;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo H;

Diâmetro: 62 mm (pé);

Cronologia: entre o terceiro quartel do século II e a primeira metade do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/76/96.

15 – prato de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);

Forma: Lamboglia 5/7, ou Lamboglia 7/16, ou Morel 2654;

Pasta: tipo 7;

Verniz/Engobe: tipo H;

Diâmetro: 110 mm (pé);

Cronologia: entre o terceiro quartel do século II e a primeira metade do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/79/96.

16 – prato de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel/bolacha);

Forma: Lamboglia 5/7, possivelmente;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo H;

Diâmetro: 104 mm (pé);

Cronologia: entre o terceiro quartel do século II e a primeira metade do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/75/96.

17 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo e parede);

Forma: Lamboglia 6; Morel 1631;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo H;

Diâmetro: 245 mm (bordo);

Cronologia: sobretudo entre a segunda metade do século II e todo o século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/93/96.

18 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé de perfil triangular);
Forma: Lamboglia 7/16, ou Morel 2235;
Pasta: tipo 6;
Verniz/Engobe: tipo G;
Diâmetro: 59 mm (pé);
Cronologia: primeira metade do século II a. C.;
N.º de Inv.: LOCAS/65/96.

19, 20 – taça de imitação de campaniense [frag. de bordo, parede e fundo completo com pé de perfil triangular (perfil completo)];
Forma: Lamboglia 28; Morel 2650;
Pasta: tipo 6;
Verniz/Engobe: tipo G;
Diâmetro: 142 mm (bordo);
Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);
N.º de Inv.: LOCAS/61/96; LOCAS/80/96.

Nota: os dois fragmentos parecem pertencer à mesma taça, razão pela qual surgem agrupados neste Catálogo.

21 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo, parede e fundo);
Forma: Lamboglia 28; Morel 2654a2;
Pasta: tipo 6;
Verniz/Engobe: tipo G;
Diâmetro: 97 mm (bordo);
Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);
N.º de Inv.: LOCAS/89/96.

22 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo, parede e fundo);
Forma: Lamboglia 28; ou Morel 2655;
Pasta: tipo 4;
Verniz/Engobe: tipo G;
Diâmetro: 102 mm (bordo);
Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);
N.º de Inv.: LOCAS/94/96.

23 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);
Forma: Lamboglia 28;
Pasta: tipo 5;
Verniz/Engobe: tipo H;
Diâmetro: 60 mm (pé);
Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);
N.º de Inv.: LOCAS/69/96.

24 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);
Forma: Lamboglia 28, possivelmente;
Pasta: tipo 6;
Verniz/Engobe: tipo G1;
Diâmetro: 45 mm (pé);
Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);
N.º de Inv.: LOCAS/84/96.

25 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo);

Forma: Lamboglia 33; Morel 2615;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G1;

Diâmetro: 160 mm (bordo);

Cronologia: século II a. C., ocorrendo, episodicamente, na centúria seguinte;

N.º de Inv.: LOCAS/99/96.

26 – prato (frag. de bordo e parede);

Forma: Morel 1460; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 176;

Pasta: tipo 6;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 340 mm (bordo);

Cronologia: séculos II-I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/72/96.

27 – prato de imitação de campaniense (frag. de bordo e fundo);

Forma: Morel 2282;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 182 mm (bordo);

Cronologia: entre 85 e 25 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/73/96.

28 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo e parede);

Forma: Morel 2282; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 185;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 280 mm (bordo);

Cronologia: entre 85 e 25 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/71/96.

29 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo e parede);

Forma: Morel 2282; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 181;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 261 mm (bordo);

Cronologia: entre 85 e 25 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/96/96.

30 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo e parede);

Forma: Morel 2282;

Pasta: tipo 6;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 282 mm (bordo);

Cronologia: entre 85 e 25 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/97/96.

31 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo);

Forma: Morel 2615;

Pasta: tipo 6;

Verniz/Engobe: tipo F;

Diâmetro: 141 mm (bordo);

Cronologia: entre o século II e o primeiro quartel do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/100/96.

32 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo);

Forma: Morel 2643;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 98 mm (bordo);

Cronologia: primeira metade do século III a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/106/96.

33 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo e parede);

Forma: Morel 2646, possivelmente; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 197;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 185 mm (bordo);

Cronologia: século II a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/104/96.

34 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo e parede);

Forma: Morel 2654; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 198;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 151 mm (bordo);

Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);

N.º de Inv.: LOCAS/101/96.

35 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé de perfil triangular);

Forma: indeterminada; pé do tipo Morel 140/141;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo H;

Diâmetro: 61 mm (pé);

Cronologia: segunda metade do século II a. C./inícios do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/86/96.

36 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em bolacha);

Forma: indeterminada; pé tipo Morel 171a1;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 60 mm (pé);

Cronologia: segunda metade do século II a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/90/96.

37 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);

Forma: indeterminada; pé tipo Morel 321;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 60 mm (pé);

Cronologia: cronologia provável do terceiro quartel do século III a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/74/96.

38 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo);

Forma: indeterminada;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 259 mm (bordo exterior);

Cronologia: talvez os séculos II/I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/98/96.

39 – taça de imitação de campaniense (frag. de fundo com pé em anel);

Forma: indeterminada;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 59 mm (pé);

Cronologia: talvez os séculos II/I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/85/96.

40 – taça de imitação de campaniense (frag. de parede e fundo);

Forma: indeterminada;

Pasta: tipo 5;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 142 mm (carena);

Cronologia: talvez os séculos II/I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/108/96.

41 – prato de imitação de campaniense (frag. de parede e fundo);

Forma: indeterminada;

Pasta: tipo 6;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 160 mm (carena);

Cronologia: talvez os séculos II/I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/107/96.

42 – taça de imitação de campaniense (frag. de parede);

Forma: indeterminada;

Pasta: tipo 4;

Verniz/Engobe: tipo G;

Diâmetro: 80 mm (carena);

Cronologia: talvez os séculos II/I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/105/96.

Cerâmica Comum Romana de Imitação de Campaniense

43 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo e parede);

Forma: Lamboglia 28; ou Morel 2651b1;

Pasta: tipo 9;

Engobe: tipo J;

Diâmetro: 80 mm (bordo);

Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);

N.º de Inv.: LOCAS/95/96.

44 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo e parede);

Forma: Lamboglia 28; Morel 2654;

Pasta: tipo 8;

Engobe: tipo J;

Diâmetro: 106 mm (bordo);

Cronologia: século II a. C. (acaba de fabricar-se por volta dos finais da centúria);

N.º de Inv.: LOCAS/87/96.

45 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo e parede);

Forma: Lamboglia 31; ou Lamboglia 33; ou Morel 2615; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 196;

Pasta: tipo 8;

Engobe: tipo I;

Diâmetro: 159 mm (bordo);

Cronologia: entre o último quartel do século II a. C. e 30 a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/102/96.

46 – taça de imitação de campaniense (frag. do bordo);

Forma: Morel 2615; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. IX, n.º 196;

Pasta: tipo 8;

Verniz/Engobe: inexistente. Apresenta, no entanto, brunido;

Diâmetro: 171 mm (bordo);

Cronologia: século II a. C. e até ao primeiro quartel do século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/103/96.

47 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo e parede);

Forma: Morel 1163a1;

Pasta: tipo 8;

Engobe: tipo J;

Diâmetro: 181 mm (aba);

Cronologia: século II a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/92/96.

Nota: o bordo será equivalente ao da tigela de cerâmica fina cinzenta de Conímbriga (Alarcão, 1974), n.º 209.

Forma de Campaniense em Cerâmica de Tradição da Idade do Ferro

48 – taça de imitação de campaniense (frag. de bordo e parede);

Forma: Lamboglia 6; Morel 1174; Cerâmica fina cinzenta, Conímbriga, 1974, Est. VIII, n.º 174, possivelmente;

Pasta: tipo 10;

Engobe: tipo K;

Diâmetro: 378 mm (bordo);

Cronologia: sobretudo entre a segunda metade do século II e todo o século I a. C.;

N.º de Inv.: LOCAS/68/96.

(Desenhos e tintagem das peças da autoria de E. de Sepúlveda).

Agradecimentos

Os autores agradecem, reconhecidos, a preciosa ajuda que receberam durante a elaboração do presente trabalho. Uma palavra de apreço, pois, para: Prof.^a Doutora Ana Margarida Arruda; Prof. Doutor Carlos Fabião; Dra. Catarina Viegas; Dra. Vera Freitas; Dr. Rodrigo Banha da Silva; José António Severino Rodrigues; Maria Augusta Miranda; Amália Pina Amaral Pedro; e Eunice da Silva Andrade.

Maio, 2001

Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1978) - *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo.
- ALARCÃO, J. (1988) - *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips, Ltd. Fascs. I, II e III.
- (1990) - *Nova História de Portugal*, vol. I, "Portugal. Das Origens À Romanização". Lisboa: Ed. Presença.
- ALMEIDA, C. A. Brochado (1990) - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- ARRUDA, A. M. (1986) - Castro Marim na Idade do Ferro. In *Actas do IV Congresso do Algarve*. I, p. 401-406.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; VALLEJO SHÁNCHEZ, J. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3, n.º 2, p.25-59.
- BELTRAN LLORIS, M. B. (1990) - *Guía de la Cerámica Romana*. Saragoça: Libros Pórtico, p. 39-60.
- BOUBE, J. (1985-1986) - Introduction a l'Étude de la Céramique a Vernis Noir de Sala. *Bulletin d' Archeologie Marocaine*. Rabat. Tomo XVI, p. 121-190.
- BUGALHÃO, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 15).
- CLARIANA i ROIG, J. F. (1990) - La Ceràmica de Vernis Negre. *Laietania*. Barcelona. 5, p. 49-51.
- CORREIA, V., (1993) - Os materiais pré-romanos de Conímbriga. *Estudos Orientais*. Lisboa. IV, p.229-283.
- CURA Y MORERA (1985) - Les Ceràmiques de Vernís Negre de Can Sotaterra a Solsona i l'estratigrafia comparada dels jaciments pre-romans del Solsonès. *Faentia*. Barcelona. 7/ / 2, p. 105-113.
- DELGADO, M. (1971) - Ceràmica Campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra. p. 403-420.
- DELGADO, M. (1975) - Céramiques Campaniennes et de Type Campanien, A Propos des Céramiques de Conímbriga. *Conímbriga*. Coimbra. 14, p. 84-88.
- DELGADO, M. (1976) - Céramiques Campaniennes et de Type Campanien. In *Fouilles de Conímbriga*. Paris: Ed. de Boccard. VI, p. 21-26, Pl. IV.
- DIOGO, A. M. D. (1979) - O Material Romano da 1.ª Campanha de Escavações na Alcáçova de Santarém. *Conímbriga*. Coimbra. 23, p. 111-141.
- DIOGO, A. M. D. ; CARDOSO, J. P. (1992) - Ceràmica Campaniense Proveniente da Foz do Arade (Portimão). *Artefactos*. Lisboa. Vol. I, p. 9-11.
- ETTLINGER, E., ed. (1990) - *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bona: Dr. Rudolf Habelt GMBH.
- FARIA, J. C. (1988) - Algumas notas acerca do provável *Forum de Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal). *Conímbriga*. Coimbra. 37, p. 185-199.
- FARIA, J. C. (no prelo.) - *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Alcácer da Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- FERREIRA, O. da Veiga (1971) - Ceràmica Negra de tipo grego encontrada em Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 2.ª Série, III, p. 313-332.
- FIORENTINI, G. (1963) - Prime osservazioni sulla ceramica campana nelle Valle del Po. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. XXIX, p. 7-35.
- FRONTINI, P. (1985) - *La Ceramica a Vernice Nera nei Contesti Tombali della Lombardia*. Como: Edizioni New Press.

- GUNNEWEG, J.; PERLMAN, I.; YELLIN, J. (1983) - The provenience, typology and chronology of Eastern Terra Sigillata. *Qedem*. Jerusalém. 17, p. 93-103, 109, 110.
- HAMON, E.; TCHERNIA, A. (1978) - La Céramique Campanienne. In *L'Épave Romaine de la Madrague de Glens*. Paris. Suplemento de *Gallia*. XXXIV, p. 17-59.
- HAUSCHILD, T. (1994) - O teatro romano de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Milão: Lisboa 94; Elecla, p. 64-66.
- HERA, M. A. (1970) - La Ceramica Campaniense de Importacion y las Imitaciones Campanienses en Ibiza. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 27, p. 201-219.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M.; VIÑAS CUE, R. (1992-93) - Nuevas Cerámicas Romanas de Importación del Castro de Vigo (Campaña de 1987). *Castrelos*. Vigo. 5-6, p. 41-70.
- LAMBOGLIA, N. (1952) - Per una Classificazione Preliminare della Ceramica Campana, *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Liguri*. Bordighera. p. 139-206.
- LAMBOGLIA, N. (1954) - Polemiche Campanie. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. XXVI, 1-4, p. 292-304.
- LAMBOGLIA, N. (1955) - Bolli Ampuritani su «Campana C». *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. XXVII, p. 51-56.
- MAIA, M. (1987) - *Romanização do Território Hoje Português a Sul do Tejo*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa. Vol. 2, p. 52-83 (policopiada).
- MANTAS, V. G. (1990) - As Cidades Marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine*. Paris: CNRS, p. 173-182.
- MARABINI MOEVS, M. T. (1973) - *The Roman Thin Walled Pottery from Cosa (1948-1954)*. Roma: The American School of Roma, p. 52 e 53, nota 59.
- MOREL, J.-P. (1980) - La céramique campanienne: acquis et problèmes. In *Céramiques Hellénistiques et Romaines*. II. Besançon, p. 85-109.
- (1981) - *Céramique Campanienne: Les Formes*. Paris: Bibliothèque de l'École Française d'Archéologie de Rome.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - A cerâmica tipo campaniense. In *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares*. Balsa. Lisboa. p. 63, 64.
- PEDRONI, L. (2000) - Produzione e Diffusione della Ceramica Calena "Media": problemi e ipotesi di lavoro. In AQUILUÉ ABADÍAS (et al.) - *La ceràmica de vernid negre del segle II i I aC: Centres productors mediterranis i comercialització a la Península Ibèrica*. Mataró, p. 345-361.
- PÉREZ BALLESTER, J. (1986) - Las Cerámicas de Barniz Negro, 'Campanienses': Estado de la Cuestión. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. Tomo IV, n.º 1, p. 27-45.
- PICON, M.; VICHY, M.; CHAPOTAT, G. (1971) - Note sur la Composition des Céramiques Campaniennes de type A et B. *RCRFA*. Berna. XIII, p. 82-87.
- PIMENTA, F. C. (1982-83) - Subsídios para o estudo do material ânforico conservado no Museu Regional de Sintra. *Sintria*. Sintra. I-II (1), p. 117-150.
- PONTE, S. da (1988) - Villa Rústica de São Pedro de Caldelas - *Tomar*. Arte e Arqueologia do Centro. Coimbra. 1, p. 81-82.
- PRADOS TORREIRA, L.; SANTOS VELASCO, J. A. (1984) - La Colección Cerámica Campaniense de Ibiza en el Museo Arqueológico Nacional. *Lucentum*. Barcelona. III, p. 67-77.
- PROSPERI, R. (1993) - Ceramica a Vernice Nera. In *Genova Romana. Mercato e Città dalla Tarda Età Repubblicana a Diocleziano*. Dagli Scavi del Colle di Castello. Roma: "L'Erma di Bretschneider", p. 314-332.
- PY, M. (1993) - "Campanienne A", "Campanienne B", "Campanienne C" et "Céramique campanienne à pâte grise du

type de l'épave de Giens". *Lattara*. Lattes. 6, p. 146-155.

RAMOS FOLQUÉS, A. (1969) - Evolucion de la Ceramica Campaniense a la Sigillata en la Alcudia de Elche. *RCRFA*. Berna. XI, p. 17-23.

RIBEIRO, J. C. (1982-83) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maero Caudicus*. *Sintria*. Sintria. I-II(1), p. 425, nota 3.

ROUILLARD, P.; JULY J.-J. (1993) - Hispanie Préromaine/ 1. – Phéniciens, Grecs, Étrusques et Puniques. In *Histoire et Archéologie de la Péninsule Ibérique. Chroniques Quinquennales, 1968-1987*. Madrid. p. 57.

SANMARTÍ, J., [et. al.] (1996) - *Les Cerâmiques de Vernís Negre de Pollentia*. Barcelona: The William L. Bryant Foundation.

SELLÉS, F. S.; BALLESTER, E. F. (1997) - Los Vasos Campanienses de la Tienda del Alfarero de la Alcudia (Elche, Alicante). Método Analítico para determinar su procedencia. *Complutum*. Madrid. 8, p. 223-231.

SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FARIA, M. (2000) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 1: "terra sigillata". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 3, n.º 2, p. 119-152.

SILVA, A. C. F. (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.

SILVA, C. Tavares (1978) - Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 117-132.

SILVA, C. Tavares; [et. al.] (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. VI-VII p. 149-218.

SILVA, C. Tavares; SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa. p. 178-187.

SOARES, J. (1978) - Nótula sobre a Cerâmica Campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 133-144.

SOARES, J.; SILVA, C. Tavares (1973) - Ocupação do Período Proto-Romano do Povoado do Pedrao (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. p. 245-306.

SOUSA, E. M. (1996) - Cerâmicas ditas Campanienses e de Imitação Conservadas no Museu Regional de Sintra. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 37-58.

SOUSA, E. M.; SEPÚLVEDA, E. (a publicar) - A propósito de três peças republicanas de Tróia de Setúbal. *Conimbriga*. Coimbra.

VENTURA MARTINEZ, J. J. (1985) - La Cerámica Campaniense 'C' y Seudocampaniense de Pasta gris en la Provincia de Sevilla. *Lucentum*. IV, p. 125-132.

VENTURA MARTINEZ, J. J. (1992) - Cerámica Campaniense en la Córdoba Romana. *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba. 3 p. 137-170.

WELLS, C. (1990) - "Imitations" and the spread of sigillata manufacture. In ETTLINGER, E. *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bona: Dr. Rudolf Habelt GMBH, p. 24-25.

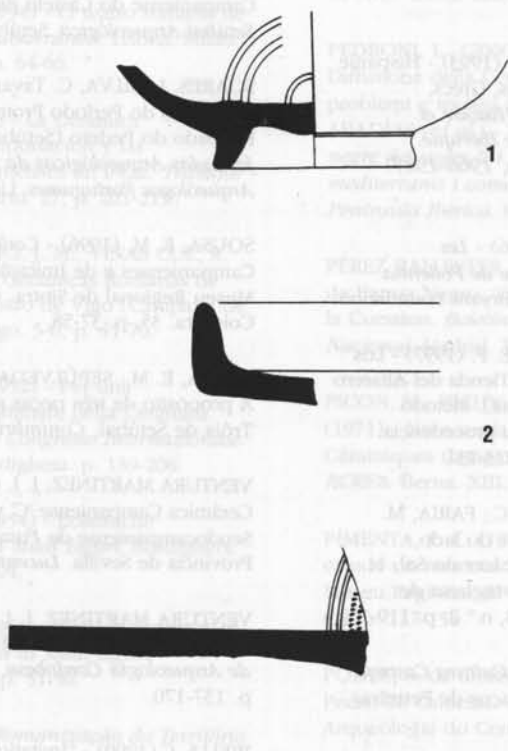


Fig. 2 – 1 campaniense A; 2 e 3 campaniense B e B-oides.

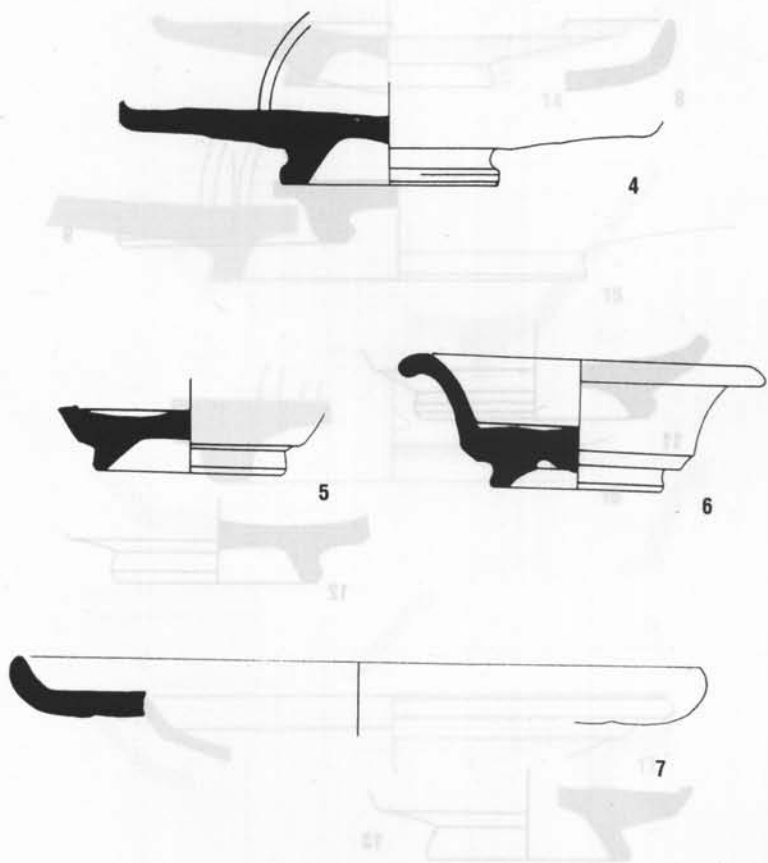


Fig. 3 – 4 campaniense B; 5-7 B-oide.

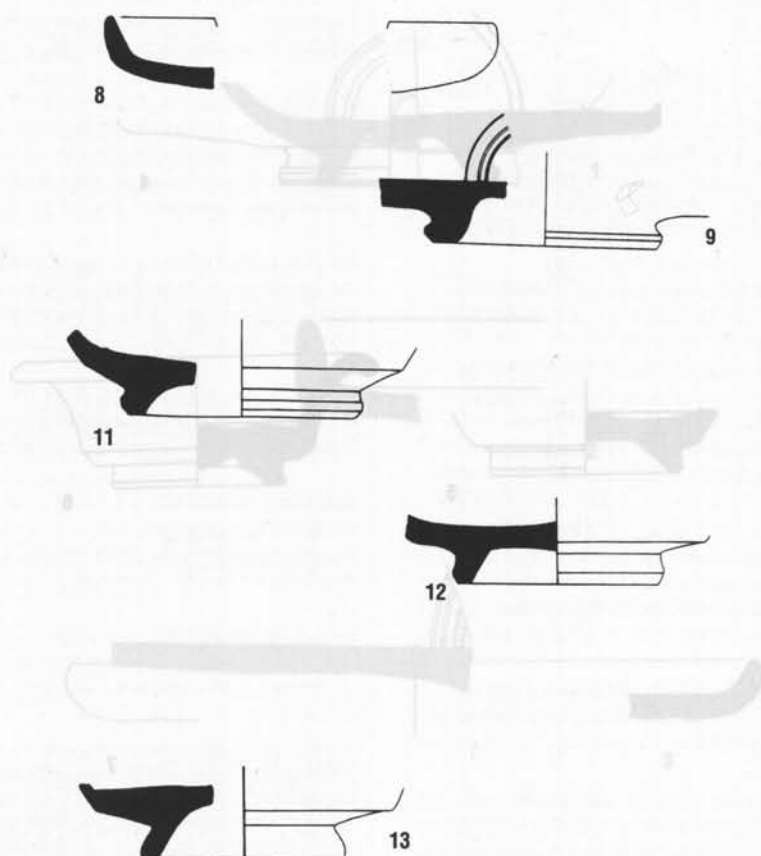


Fig. 4 – 8, 9 B-oide; 11-13 imitação de campaniense.

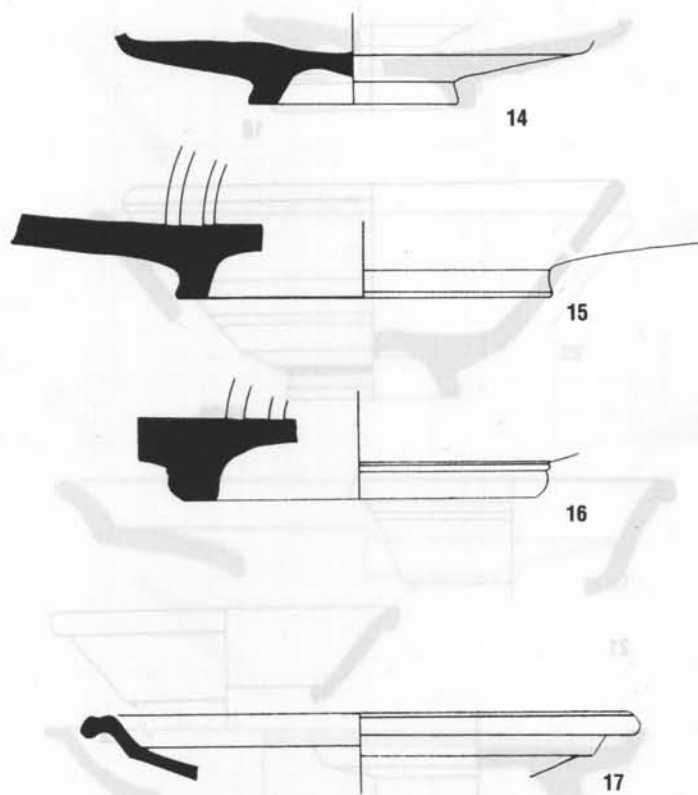


Fig. 5 – Imitação de campaniense.

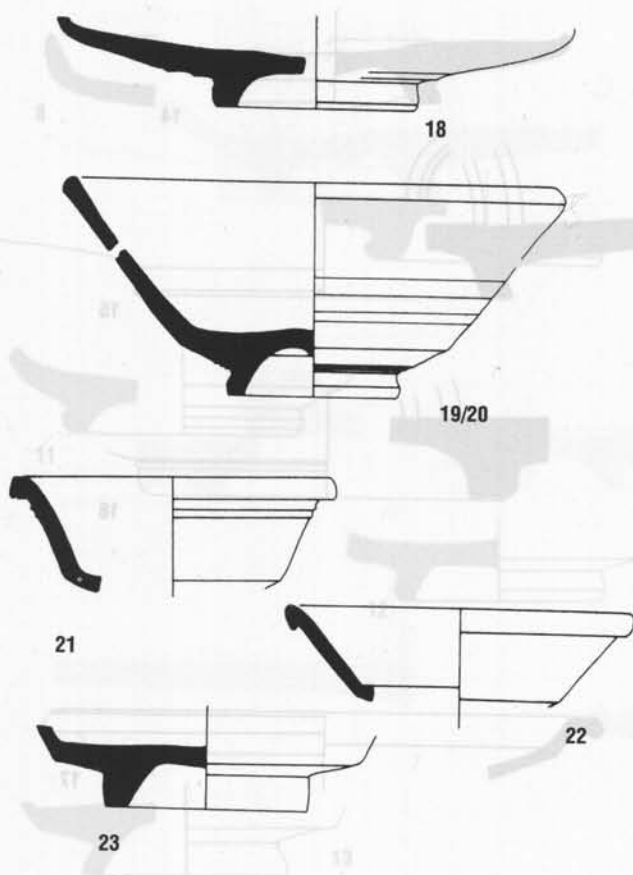


Fig. 6 – Imitação de campaniense.

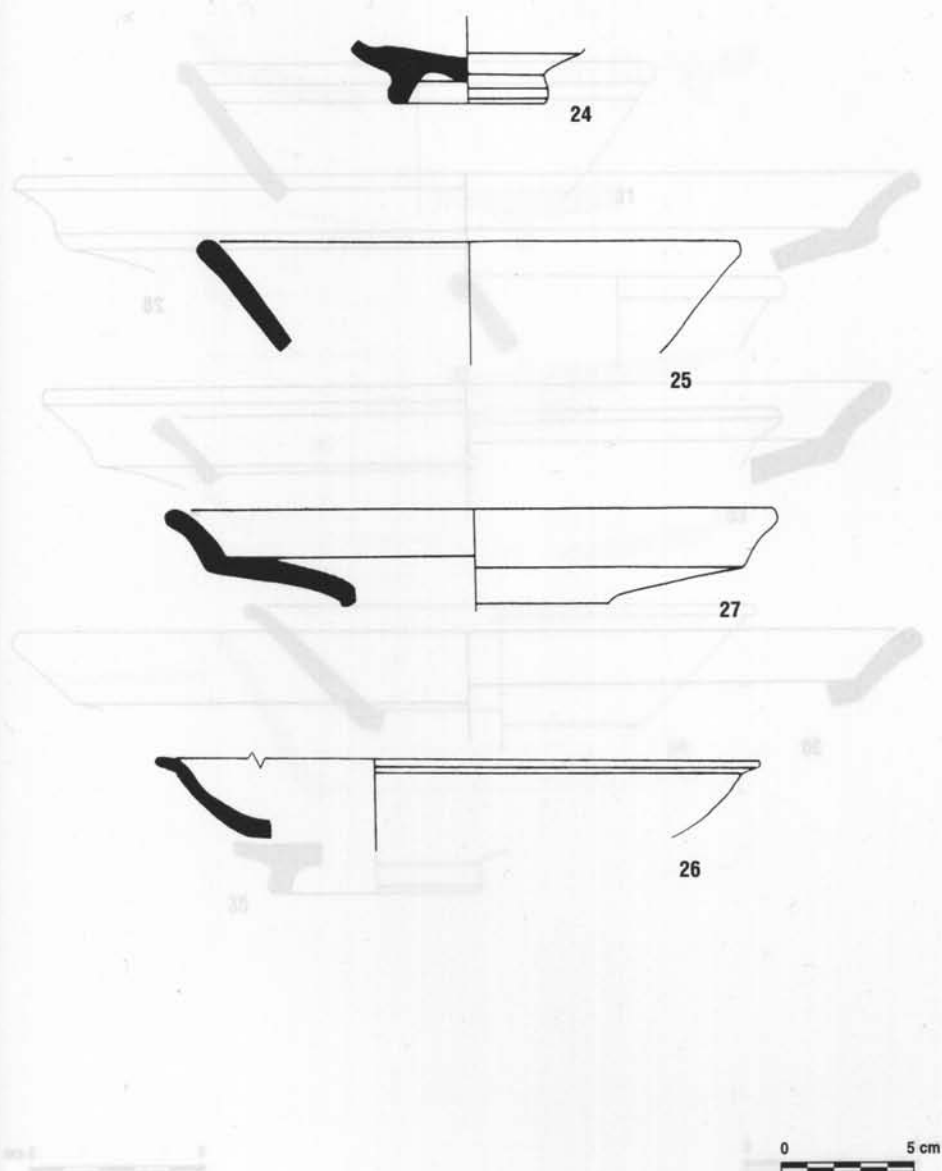


Fig. 7 – Imitação de campaniense.

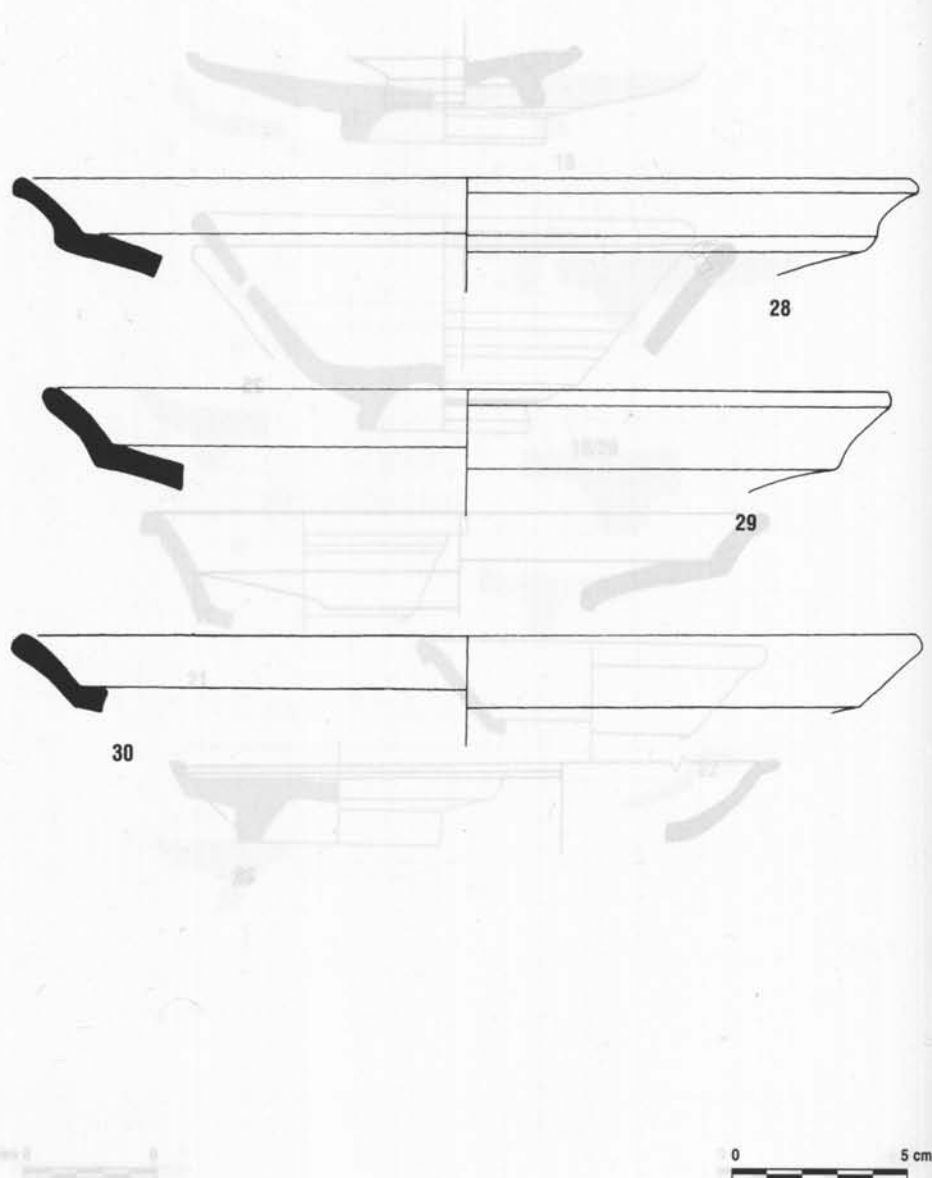


Fig. 8 – Imitação de campaniense.

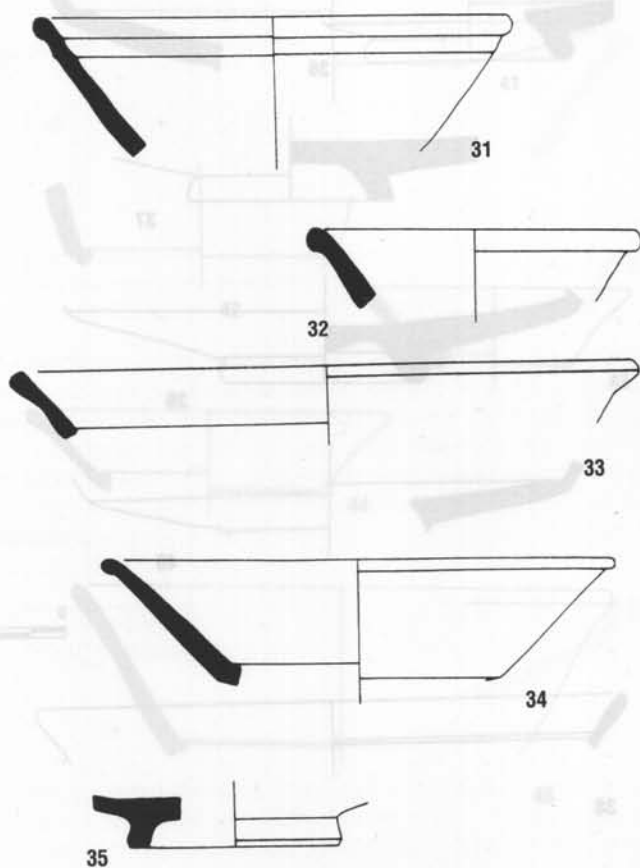


Fig. 9 – Imitação de campaniense.

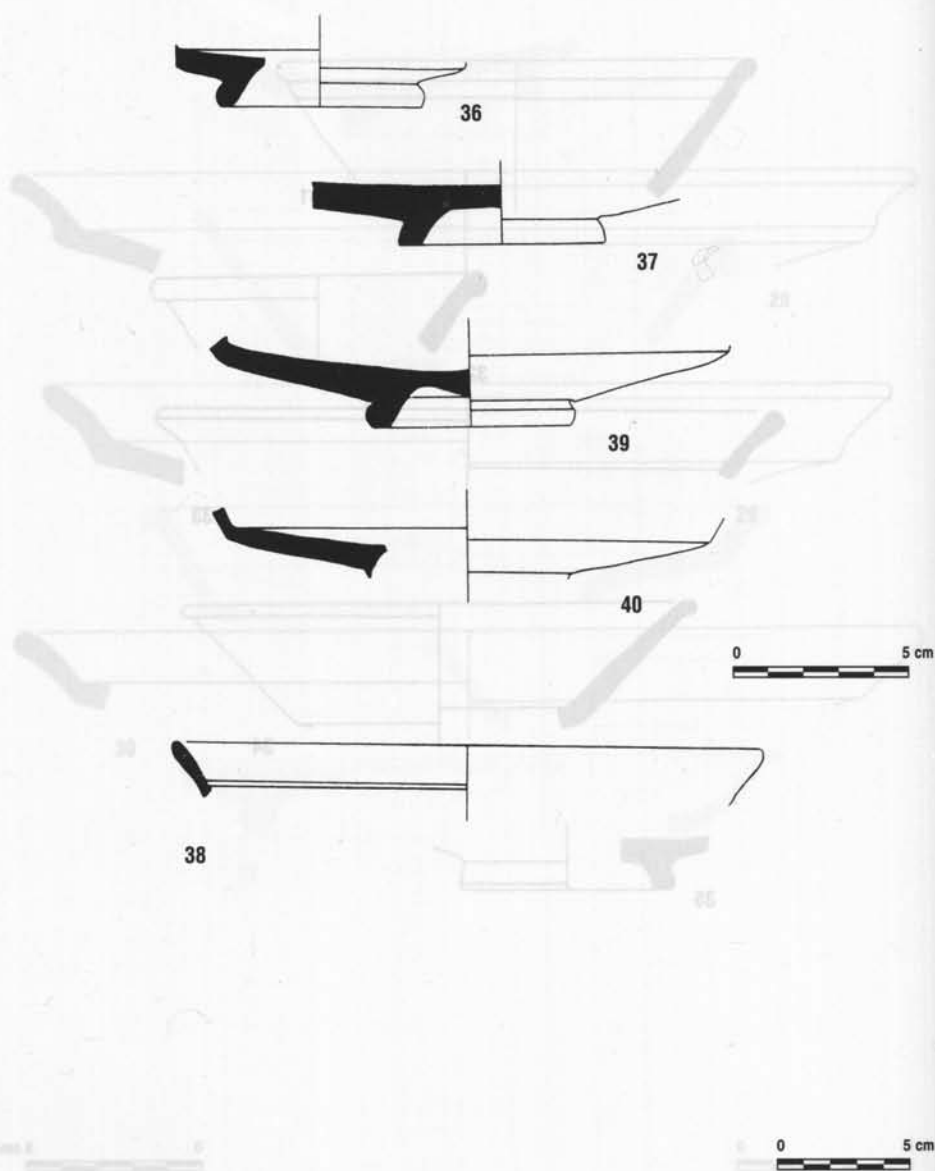


Fig. 10 – Imitação de campaniense.

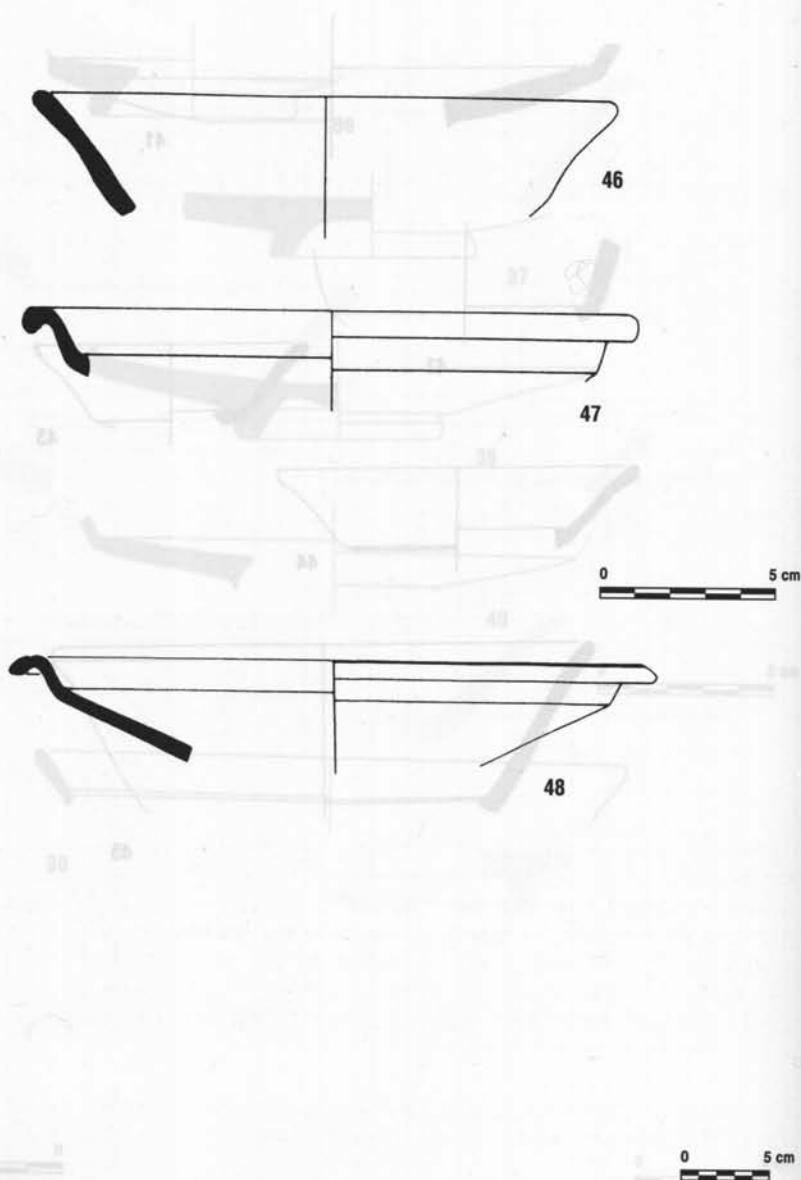


Fig. 12 – 46-47 cerâmica comum imitação de campaniense; 48 cerâmica tradição da Idade do Ferro.